

Zabelê

ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

PATAXÓ DO PRADO

IPHAN
Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade
Edição 2004 - Categoria Divulgação

Realização:



Patrocínio:

Ministério
da Cultura

Ministério
da Educação



O povo da nação Pataxó do Prado é o verdadeiro autor deste livro.
Os textos, as fotografias, os desenhos e a arte-finalização foram feitos pelos próprios índios.

THYDEWAS e a COEDIN – Comissão de Educadores Indígenas do Prado - BA, querem registrar seu sincero agradecimento a todo o povo da nação Pataxó do Prado; especialmente a: Adailton (Nêm), D'Ajuda (Sal), Ananias (Cacique), Aguinaldo (Cacique Gil), Catiane, Edmundo, Mário (Pajê), D.Regina, D. Zabelê, Osmar, Baiara (Cacique), Ireny, Jovino (Cacique), Lica, Dany, Pedro, Vera Lucia, Claudia, Joel, Marlene, Euronildes, Dene, Adeilton, Pâmela, Luzangela, Bel, Bino, Gama, Gentil, Agnaldo, Cleusa, Antonio (Cacique), Eduardo, Lúcia, Moisés, Xisto, Sebastiana, D. Sizina, Benedita, Romilda, Julio, Raiane, D. Maria, Cristina, Cesário, Antonio Fragozo, Adelson (Cacique), Maria (Neginha), Joel Braz, Braga (Cacique) Lorizete e Gilberto.

Agradecemos também a: Alex Pankararu e a REDE INDIOS ON-LINE, Guillaume Bertrand e Chantal Grimal de La Maison des Droits de l'Homme de Limoges (França); Diógenes, Maísa Teixeira Flores, Instituto Oi Futuro, e a Frente de Resistência e a Luta Pataxó.

Através do Ministério da Educação, do programa CAPEMA da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade realizamos este livro com tiragem de 1.000 exemplares.
Recebemos apoio do Ministério da Cultura, através de seu programa Cultura Viva, que nos permitiu realizar oficinas com tecnologia digital dentro das Comunidades.

Capa: Zabelê
Projeto Educativo Sócio-Cultural: ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS
Realização: THYDEWAS
Ideia e Coordenação: Sebastián Gerlic
Projeto Gráfico e Editoração: Anápuaká Pataxó-Hã-hã-hãe (Erick Muniz)
Produção e Facilitadores: Ivana Cardoso, Gilberto Ferreira, Edmundo Ferreira, Catiane Lima e Ireny Conceição.
Consultoria: Derval Cardoso Gramacho
Assessoria de Imprensa: Lillian Calmon

Ficha Catalográfica
(Elaborada por Rosane Rubim CRB5/685)

294 Pataxó do Prado. / Textos e ilustrações índios Pataxó;
direção e edição

Sebastián Gerlic. _ Salvador, 2007.
64p. (Índios na visão dos índios)

Apoio do Ministério da Educação.

1. Índios 2. Tribo Pataxó. I. Série

CDU: 572:(=1-82)



Você pode copiar, distribuir, exibir ou criar obras derivadas a partir desta sempre, desde quando não haja fins comerciais, devendo citar o nome completo deste livro e do autor de cada trecho copiado.



O município de Prado, localizado no Extremo Sul da Bahia (Brasil), a 813 quilômetros de Salvador, tem hoje nove aldeias que ocupam 35 mil hectares de terras de um território que deveria ter uma demarcação contínua de 220 mil hectares. Ali vivem 3.858 indígenas.

Como Chegar:

Avião: De São Paulo, a Pantanal Linhas Aéreas faz ligações três vezes por semana, na baixa temporada, e diárias na alta estação, pousando no aeroporto de Caravelas, a 42 km de Prado. De Salvador, a Abaeté Linhas Aéreas faz diariamente a ligação com Prado, pousando no mesmo aeroporto.

Rodoviário: Uma linha regular de ônibus da empresa Brasileiro faz a ligação Itamaraju, Prado, Alcobaca, Teixeira de Freitas e Caravelas, em cinco horários diários. Existem linhas de ônibus diários direto de Belo Horizonte para Prado (Viação São Geraldo), de Salvador, há ônibus diretos todas as sextas-feiras até Prado, ou, de qualquer parte do País, com conexões diárias em Teixeira de Freitas ou Itamaraju.

De Carro: Vindo do Norte, pela BR-101, via Itamaraju (BA-489). Vindo do Sul ou do Oeste, pela BR-116, via Nanuque, e pela BR-101, via Teixeira de Freitas. As cidades de Prado, Alcobaca e Caravelas estão interligadas pela BA-001 em excelentes condições de tráfego.

A luz de um novo dia

Este livro chega em boa hora... Trazendo ânimo, informação e libertação, tanto para o nosso povo como também para a sociedade.

Moramos no município de Prado, onde a maioria da sua população desconhece a existência das comunidades Pataxó.

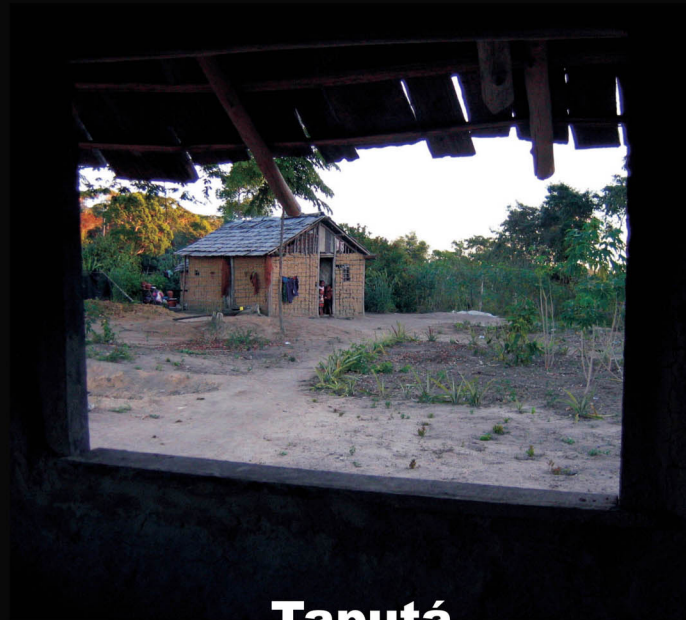
Negar o avanço científico e tecnológico seria negar a nossa própria existência. Nós não somos contra o progresso do mundo.

Somos contra a forma irracional de desenvolvimento que, na ótica capitalista, é chamada de "evolução".

Infelizmente vivemos em um sistema onde colocaram na mente das pessoas que riqueza e poder é tudo, quando na verdade o mais importante é viver em paz com nós mesmos e com o mundo que nos rodeia. Não podemos ser felizes quando em torno de nós vemos fome, miséria, crianças de rua, presídios superlotados, corrupção, guerras, destruição da fauna e flora, poluição dos mares e rios, pessoas sem teto, sem terra, latifúndios de monoculturas transgênicas... e ainda querem que nós engulamos isso como evolução?

Esse não é o modelo de desenvolvimento que nós, povo Pataxó, queremos. Visualizamos um mundo igualitário para todas as pessoas. Todos nós somos filhos de *Niamissum* (Deus) e precisamos viver uma vida digna.

Edmundo Santos Pataxó
conaferd@hotmail.com



Taputá
(Bem-vindo)



Aldeia Nova



Nossos antepassados sofreram muito por causa dos grileiros, fazendeiros e outros que queriam se apossar de nossa terra. Mataram muitos índios, estupraram nossas filhas, e esse sofrimento todo foi contado para nós. O IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal) massacrava a gente, chegava até a dar tiro em índio. Para sobreviver e dar o sustento da família, tinha que viajar à noite para tirar piaçava. Essa briga se estendeu por muitos anos e o povo foi crescendo e crescendo. Depois o IBDF mudou para o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis) criou o Parque do Monte Pascoal dentro de uma área indígena. Com o tempo os mais novos começaram a estudar e começamos a entender mais os nossos direitos. E, em 1999, nós reunimos todo o povo Pataxó da região e começamos a analisar os documentos e a ver os nossos direitos. Então, partimos para a luta para fazer o nosso direito valer. Em agosto de 1999, viemos para o Monte Pascoal e dissemos ao IBAMA que a partir daquele momento em diante faríamos valer o direito de nossos antepassados, pois já estávamos cansados de tanto sofrer, pois tínhamos conhecimento que o nosso direito é sagrado e legítimo.

Dissemos tudo isso para a chefe do IBAMA, então ela saiu, nós retomamos e estamos até hoje aqui. Como o parque era uma área de preservação, e nossa intenção é sempre proteger o que existe na floresta—porque onde tem índio tem floresta—, então nós preservamos essa área e nos mobilizamos para retomar as outras áreas vizinhas que são tradicionalmente nossas, mas que foram tomadas pelos fazendeiros. Assim que surge Aldeia Nova. São sete anos que estamos nesta terra.

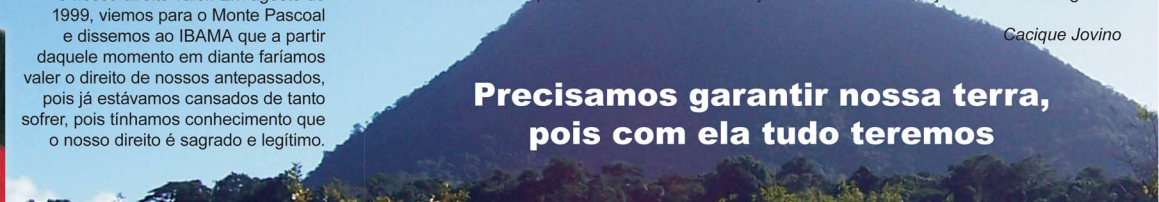
Nossa retomada teve a participação de índios de várias etnias que vieram para as “comemorações” dos 500 anos. Tivemos aqui três mil indígenas. Quando chegamos aqui não tinha nenhuma plantação, para sobreviver fizemos um projeto com a CESE, e depois começamos a plantar nossas roças e a caminhar com os nossos próprios esforços, então começamos a plantar mandioca, melancia, feijão, milho e, assim, demos continuidade até hoje.

Quando nós entramos no Parque foi iniciado um grupo chamado GT, chefiado por uma antropóloga, para identificar os limites de nossa terra, chamada Maria do Rosário. Ela se comprometeu a trabalhar na demarcação de nossa terra. Ela defendia um território único de 220 mil hectares e, por isso, ela foi muito pressionada pelos fazendeiros e outras instâncias, como a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), que não pagava seu salário direito. Então criaram um novo Grupo de Trabalho (GT), com uma nova antropóloga, chamada Leila, que já veio com uma nova proposta, que nós aceitássemos um território dividido. Até hoje vivem nos pressionando muito para que aceitemos do jeito que eles querem. Nós hoje somos 13 mil Pataxó e daqui a alguns dias não vamos ter mais nada, pois nossas famílias estão crescendo.

Quando entramos na terra, os fazendeiros criaram uma associação anti-indígena e começaram a entrar na Justiça para conseguir um interdito proibitório. Na nossa aldeia aqui teve muitas limitações favoráveis aos fazendeiros, só este pedacinho de terra em que estamos é que a proprietária, uma juíza, fez um acordo com a FUNAI e assinou um documento concordando em receber os feitos que existiam na terra. Ainda hoje existem muitas ameaças contra nós indígenas.

Cacique Jovino

**Precisamos garantir nossa terra,
pois com ela tudo teremos**



Quando fazemos uma casa, e ela está no ponto de barro, temos que ter muito cuidado porque senão ela pode ser roubada. Mas, o que é roubo de uma casa?

Roubo da casa é quando fazemos uma casa e quando ela já está envarada, ela pode ser roubada da seguinte maneira: o pessoal da comunidade se reúne e fala: "Vamos roubar a casa de fulano", sem a pessoa saber. De madrugada, por volta das 4 horas, vem um grupo de pessoas da comunidade gritando: "Acorda, fulano! Sua casa tá roubada!" Daí a pessoa não pode fazer nada. O grupo vem com facão, machado, já vai matando porco, galinha, o que tiver, e o dono não pode falar nada, já fica por conta das pessoas que estão roubando a casa, já vai cavando, pegando o barro e embarrando a casa. As pessoas só saem quando a casa termina.

Se tiver alguém que está fazendo uma casa que está no ponto de barro, mas não quer que ela seja roubada tem que embarrar logo algum cômodo da casa, pois se tiver embarrado algum cômodo ninguém pode roubar mais.

Roubo da Casa

Roubo da roça é da seguinte maneira: alguém limpa, por exemplo, uma capoeira para fazer uma roça, daí outra pessoa descobre e combina com as pessoas da comunidade para roubar a roça. O pessoal que vai roubar já sabe onde está o animal que vai ser morto para o trabalho, o dono também não pode fazer nada, daí matam o animal e fazem a roça.

Lica

Roubo da Roça





Quando a gente pensa no futuro o que vem primeiro em nossa mente é a terra. A terra para a gente sobreviver, plantar e colher e criar nossos filhos.

Outra coisa que vem à mente é o estudo. Me alegro ver um parente estudando e lutando pelos nossos direitos. Eu tenho vontade de ver meus filhos crescer e estudar. Vemos muita dificuldade pela frente. A gente chora porque sofre muito. Nós lutamos porque não queremos ver nossos filhos sofrer mais.

Fomos nós que construímos a sala de aula, que é usada também como posto de saúde. Foram os pais que se reuniram e construíram isso porque a FUNAI queria tirar nós de estudar aqui para estudar há três quilômetros daqui, mas nós não aceitávamos que as crianças andassem por essas estradas. Nossa sala é uma cabana coberta de palha, e não é por

isso que vamos deixar nossos filhos sem estudar, mesmo debaixo de um pé de mato, mas eles têm que estudar. Nós, os pais, não aceitamos tirar nossos filhos daqui para estudar na casa dos outros. Nossos filhos vão sair daqui, sim, para estudar em outro canto, mas só quando estiverem com os estudos mais avançados que vão estudar em Itamaraju, ou em outro lugar.

Eu sou professora e merendeira aqui na escola da Aldeia Nova e tenho muitas dificuldades, cozinho no fogão a lenha, *panho* lenha todos os dias para fazer a merenda dos meninos, temos muita dificuldade com água, tenho que pegar água na cabeça. Eu faço tudo isso por amor, pois tenho seis meses trabalhando e até hoje não recebi nada.



Nós sofremos muitas ameaças dos fazendeiros e seus pistoleiros, e as autoridades já estão demorando seis anos para demarcar nosso território. Nós ficamos esperando a FUNAI que não dá nenhuma resposta, vive dizendo que a antropóloga Leila está vindo e que vai fazer reunião, que o relatório já está para assinar, que sai pra o mês, mas até hoje não *tem* uma solução para esta questão.

Lica

SOBRE SAÚDE

A FUNASA está com uma deficiência muito grande. Não tem vindo mais na aldeia, tem meses que eles não vêm mais aqui. Antes vinham todas as sextas-feiras, porque, dizem eles, não tem nem gasolina para colocar no carro. Isso porque entrou um chefe novo na FUNASA lá em Salvador, que travou os recursos e deixou de nos atender.

Jovino



SOBRE OS ANTIGOS E VIGENTES HABITANTES DO BRASIL

Este livro chega em boa hora... É uma maneira de revisar um assunto que foi esquecido pelas instituições de ensino. É, sobretudo, uma tentativa de substituir as informações responsáveis pela construção da imagem folclórica e padronizada de nós indígenas, que nos pinta como se só soubéssemos dançar e pescar.

Essa visão colonialista vem carregada de discriminação e preconceito. Valorizar a riqueza e a diversidade das culturas indígenas é preciso porque nosso sangue corre nas veias de mais de 40 milhões de brasileiros.

Algumas teorias dizem que nós temos origem asiática. Outra, que viemos pelo Estreito de Bering. Outros acreditam que poderíamos ter vindo pelo Pacífico desde Oceania... Só teorias...

A nossa crença é que sempre vivemos aqui. “Estas terras foi Niamissum que nos deu”. Essa teoria de que nós não tivemos origem aqui serve para enfraquecer a luta pela reivindicação das nossas terras que nos foram roubadas. Mas também, cada vez são mais difundidas as provas de que existem seres humanos nestas terras há mais de 50 mil anos.

Calcula-se que estas terras eram habitadas por mais de 2.300 etnias, falando mais de 1.800 línguas. Aqui foram mortos mais de dez milhões de parentes, em nome da Coroa de Portugal e da Igreja Católica.

Nas Civilizações que aqui existiam não tinha crianças abandonadas, mendigos, prostitutas, nem hospícios... Para se proteger do inverno, da chuva, dos animais e passar a noite eram feitas ocas de palha e madeira.

Tínhamos um conhecimento amplo das ervas medicinais. Toda e qualquer moléstia era tratada pelo Pajé (médico) da Patixi (aldeia). Naquele tempo, nós não tínhamos doentes, porque a mata é nossa irmã e curadora. Tudo isso é prova de nossa Sabedoria, de nossa habilidade, inteligência e conhecimento...

Mas qual era o segredo da harmonia dessas culturas? Todos viviam para o bem comum. Ninguém era dono de nada. Quem tinha mais dividia com quem não tinha. Até hoje, depois de 507 anos de invasão, nós, povo Pataxó, ainda praticamos o Comunismo de bens. É claro que muita coisa mudou, mas o respeito pela vida continua. Hoje a Mantureba (a Mata) foi destruída pela ganância do homem branco. Aqui em Prado, no Extremo Sul da Bahia, quase nada restou da Mantureba e, por isso, é que se torna difícil viver.

Tínhamos os nossos “doutores”, parteiras, coletores, caçadores, todos cuidando do sustento da comunidade. Os guerreiros eram responsáveis pela segurança da Patixi (aldeia). Tínhamos conselheiros e um respeito muito especial pelos idosos; assembléias para se tomar decisões; um pajé para nos orientar e nos ensinar a reverenciar a Niamissum (Deus) e a natureza, apesar de tantos massacres até hoje meu povo vive dessa forma.

A nossa cultura nos ensina que Imamakã (Terra) é nossa mãe e companheira. Que nos dá sustento e nos permite viver em cima dela. Por isso, devemos zelar dela com Werymerry (Amor). A Minhanga (Água) é essencial à vida, sem ela não temos como viver... Devemos zelar para mantê-la sempre límpida. Raiô (o Sol) é quem nos dá o calor e a energia para viver. Até hoje boa parte do nosso povo mantém essa cultura.

Gostamos de *sumiatá* (cantar) e de *ramiar* (dançar) o nosso *Awé* (ritual).

Atualmente somos quase um milhão de indígenas, pertencentes a mais de 270 nações e com mais de 190 línguas. A igreja Católica deveria realizar ações no sentido de reparar o genocídio que impôs aos Primeiros Habitantes, porém continua catequizando.

A partir de agora uma outra história está sendo contada.

Edmundo Santos Pataxó



SABER CAÇAR

Uma vez, quando estava indo p'ra mata caçar, ouvi um barulho de um porco roncando, fiquei quieto esperando para ver o que era, foi quando vi a Caipora passando na minha frente.

Era um neguinho baixo e magro que andava montado em uma porca e tinha os pés voltados para trás. No momento não senti medo, pois já tinha ouvido falar dele pela boca de outras pessoas que também a viram. Sabia que ela não iria me fazer mal, pois ela não gosta dos caçadores que fazem mal aos animais, eu estava caçando para alimentar minha família. Eu não mato filhotes nem animais dando mama. Eu não mato para vender, só mato para comer e, por isso, comigo tudo aconteceu bem.

A caipora é a dona da mata e fica zangada com aqueles caçadores que judiam dos animais, que matam só para se divertir, daí ela faz os caçadores se perderem na mata. Quando a dona da mata está muito zangada ela deixa os cachorros doidos e sem fazer lauto pra todo lado, a espingarda começa a mascar e não atira. Quando isso acontece é uma lição que ela dá e é melhor voltar logo para casa, porque senão coisas piores podem acontecer.

Pajé Mário Ferreira

Aldeia Corumbauzinho

NOSSA RELAÇÃO COM A NATUREZA

Para nós, potoxó, a natureza é nossa mãe. É a casa muito sagrada. Pois é dela que tira mos e nosso sustento: a caça, o peixe, as raízes, as plantas medicinais, semente e tudo o que precisamos para viver.

Na natureza tudo tem vida. A mata é seu coração.

Elhamem é uma parte de sua alma e pode entendê-la melhor. carregamos o segredo para o equilíbrio e harmonia.

A natureza é nossa casa e tudo nela tem sua própria razão. Cada parte da natureza é importante, até um grão de arroz e uma gota de arvalho fazem muita falta.

A mãe natureza é nossa alma. nossa vida que nos ajuda a meditar em busca de nossa espiritualidade ancestral. É por isso que a respeitamos muito. E nos traz alegria em ver bem verde e sorrindo.

Enonildes Pereira Braz
(THAMYKWÄ)

Nasci em Corumbauzinho e aqui me casei. Lembro sempre que meu pai trazia as caças e minha mãe as moqueava. Pegava a esteira e forrava o chão, trazia as panelas e fazia nossos pratos. Éramos oito crianças, dois velhos e todo mundo que chegasse também comia. Moíamos cana para o café. A gente vendia farinha e comprava querosene, sabão e sal...

Tínhamos nossa fartura, mas nada de dinheiro para comprar roupa e sapatos. Não existia escola.

Em 1989, fizemos uma reunião para escolher dois representantes de nossa comunidade, fomos escolhidos eu e Denis. Vimos lutando para defender nossos direitos: Saúde, Educação, Cultura e território.

Em 1998, tivemos uma eleição de cacique. Éramos 17 famílias. Foi escolhido Edivaldo Braz como cacique e eu de vice. Fizemos uma retomada com apoio de outras comunidades. Foi muita luta para conquistar nosso reconhecimento.

Em agosto de 2006, eu fui escolhido como cacique. Hoje já estamos com 338 pessoas.

Cacique Adailton Ferreira Braz



Nós já temos alunos suficientes para montar nossa escola da 5ª a 8ª série aqui mesmo mas... Estudar fora da aldeia é muito difícil, devido aos transportes e ao preconceito. Muitas vezes quando esta chovendo temos que voltar a pé sete quilômetros. Outras vezes temos que empurrar o ônibus. Eu quero que o meu povo aprenda mais sobre ele mesmo, buscar mais a sua cultura. Eu não tenho vergonha de dizer que eu sou índia.

Vera Lúcia dos Santos Moreira - Professora



Sou professora e enfrento muitas dificuldades para ir dar aula, pois é muito longe e muitas vezes o ônibus não vem e tenho que ir a pé. Quando chove muito os alunos perdem aula.

O Estado não fornece nenhum material para a escola e muitas vezes temos que tirar do nosso próprio bolso. E, para piorar, a gente aqui fica meses sem receber o salário. Para sobreviver a gente planta mandioca e verdura. Muitos plantam só para o uso próprio, outros também para vender ou fazer trocas.

Claudia - Professora





Eu Kawatá saí da aldeia Corumbauzinho aos 16 anos para estudar fora porque na minha aldeia não tinha escola. Saí com o objetivo de ajudar a minha comunidade e apesar de estar longe dela acompanhava tudo. Onze anos depois estava retornando.

Na aldeia, começamos com um professor, ele dava aula na casa do Pajé. Hoje já somos seis professores, mas ainda não temos escola.

Antes éramos dez famílias hoje somos 55.

Ainda não temos luz elétrica e quase nenhum tipo de ajuda. Os velhos já formaram uma associação comunitária para buscar melhoras para nosso povo. Hoje estamos buscando reconquistar o que é nosso por direito, nossa terra, nossa cultura e nossas riquezas. Os não-índios aqui já destruíram demais.



Trocas na feira da praia

Aqui nós não temos o mukussuy (peixe) e nas aldeias da beira do mar tem, mas não tem a farinha que nós já temos. Então, em vez de a gente estar vendendo farinha a dinheiro e comprando peixe a dinheiro, nós levamos farinha, banana e corante e trocamos por mukussuy.

Saram (Miscilene)



FONTE ENCANTADA

Quando eu era mais jovem, ia sempre buscar água na fonte e sempre via a Mãe d' Água brotar debaixo da terra, e os peixinhos como Matalauê (peixe preto) mudavam de cor em um verdadeiro colorido. Até que um dia uma Caboclinha apareceu p'ra mim como se fosse em um sonho com uma bandeja cheia de umas coisas reluzentes, parecia ouro. Ela me ofereceu, mais eu não quis. Então, ela jogou a bandeja na água, foi que caiu uma pedra no seco e eu a peguei depois, mostrei para algumas pessoas. Depois a Cabocla sumiu.

Com o passar do tempo a água da fonte, que era azul, secou e só ficou o torrão. Depois de alguns anos, a água voltou e nunca mais secou. É essa água que nós usamos em nossa aldeia hoje para beber e fazer tudo.

Regina Santana Ferreira





Eu tenho muito orgulho de falar da minha história. Algo que marcou muito a minha vida foi o massacre que ocorreu no ano de 51. Naquela época eu era criança, mas (tirar um EU) já entendia o que estava acontecendo, eu tinha sete anos. Minha família morava na aldeia de Barra Velha (Aldeia Pataxó no Município de Porto Seguro). Vivía tranquilo e de repente tudo mudou, era tiro

foram se espalhando. Meu pai esperou as coisas acalmarem e fugiu com a gente para um lugar distante, mas lá as coisas não foi fácil porque as pessoas tinham muito preconceito com nós índios, passamos muitas privações, até fome passamos. Éramos obrigados a comer frutas verdes, alimentos crus para não morrer de fome e mesmo assim muitos de nós adoeceu e morreu. Os que ficaram foram ficando em volta da aldeia trabalhando para os fazendeiros da região e tendo que negar sua história para poder sobreviver. Quando chegávamos nas fazendas pedindo trabalho, eles logo perguntavam: "Você é índio?"



p'ra todo lado, era correria, gritos meus pais me esconderam no mato por muito tempo, para que eu e as outras crianças não morrêssemos. Ficamos muito tempo escondido no mato, não podíamos chorar nem fazer fogo para que os policiais não encontrassem a gente. Meus pais saíam escondidos, iam para o meio da mata para cozinhar alguma coisa, panela não tinha, a comida era cozida na patioba (uma folha de palmeira), comíamos com a mão, o fogo era apagado para que ninguém pudesse ver. Ficamos com muito medo de morrer e, com isso, as pessoas

e se a gente falasse que sim não tinha emprego. E assim é um pouco não só da minha história, mas da história de muitos indígenas. Após alguns anos, sentimos a necessidade de voltar para nossa terra, nosso povo, nossa vida que foi roubada. Não queremos brigar, só queremos o que é da gente.

Seu Ananias - Cacique da aldeia Craveiro.



Cansados de tanto sofrimento e humilhação e por termos a certeza de que as terras são realmente nossas, resolvemos, no dia 6 de Julho de 1999, com o apoio dos parentes, retornarmos ao nosso território.

Foi um dia muito tenso, tinha gente de todas as idades: crianças, idosos, mulheres, lideranças, cacique... Tinha muita gente... Foi um dia também bom porque estávamos voltando para o que era e é nosso. Anos antes da nossa retomada aqui (1999), o Governo, ainda sabendo que este território é indígena, fez um assentamento para as pessoas do MST. Aqui se chamava: "Agrovila I", hoje "Aldeia Craveiros".



Durante o processo da retomada passamos por muitas dificuldades, não tínhamos nada para comer. Passamos fome e frio. Comíamos mandioca assada e, às vezes, crua. Dormíamos todos juntos: homens, mulheres e crianças. Era uma forma de nos proteger.

Aqui começou com 12 famílias, 98 pessoas. Quando chegamos aqui não tínhamos água encanada, energia elétrica, nem atendimento médico e da escola existia o espaço, mas não tinha aula. Depois de algum tempo sentimos a necessidade de ir à cidade comprar alguns produtos que não

produzíamos, ainda hoje temos que andar oito quilômetros a pé, pois não existe transporte. Nestes oito anos já tivemos alguns caciques: Paulo, Esmeraldo, Reinaldo, Valmir e atualmente Ananias.

Foi muito triste o pessoal do MST ter nos ameaçado durante quatro anos e todo esse confronto, triste porque sabemos que houve manipulação do Governo.

Após estes oito anos as coisas mudaram, temos acesso a médico, casas construídas e água encanada. Hoje a aldeia é composta por 27 famílias, sendo elas: as dos Ferreira, Baraúna, Conceição e Rodrigues. A escola da aldeia funciona do maternal à 4ª série.

Nós alunos do ensino fundamental e médio imploramos por um transporte, pois temos que caminhar oito quilômetros todos os dias para pegar um veículo que nos dá carona até a escola. Um fato constrangedor e bastante deprimente p'ra gente é que temos que estudar em uma escola do MST. Somos obrigados a permanecer nessa escola, pois não existe em toda a área indígena uma escola com segundo grau. É triste porque lá não podemos ser nós mesmos. Temos que aprender outros costumes e outras tradições. Por isso, imploramos aos vereadores, prefeitos, governadores, deputados, senadores e ao Presidente da República que dêem mais atenção. Não queremos que nos vejam como bichos "selvagens", mas como seres humanos, com costumes, crenças, tradições, modos de vida diferentes.

Exigimos também a demarcação de nosso território.

Daniele Reis Rodrigues
Aldeia Tawá



Eu fui criado fora da aldeia, mas eu não perdi o nosso costume. O meu pai mesmo ensinou para a gente a fazer o cauim, o costume de ir para a roça e lá tirar a patioba cozinhar o peixe. Ele me ensinou a fazer sabão com o caroço do *molão*, do mamão ou do sabão soldado (cipó).

Nós usávamos um colchão cheio de capim, de um mato chamado macela. Minha mãe que fazia. Nós não tínhamos cama torneada comprada numa loja, pegávamos quatro pedaços de madeira no mato, jogava o colchão em cima e formava a cama, mas a gente dormia feliz.

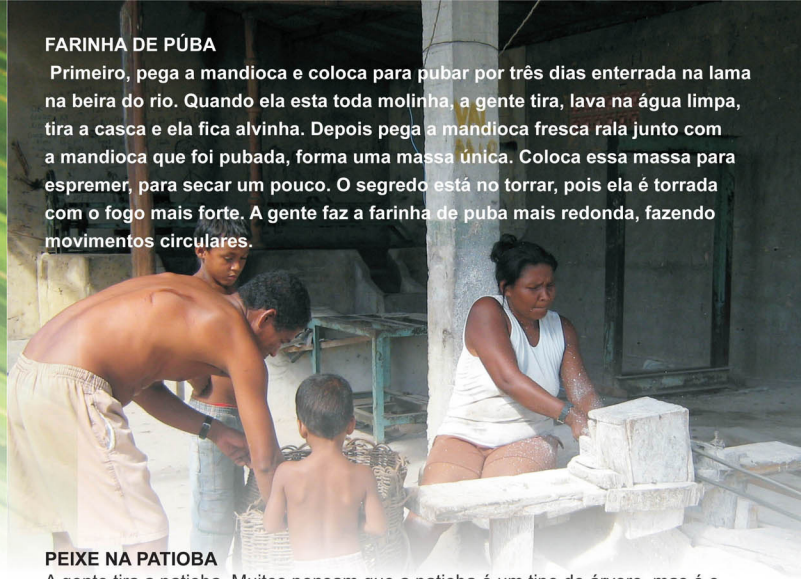
Quando acontecia algum acidente e alguém se cortava minha mãe usava a folha do mastruz. Pegava ele, socava bem socadinho no pilão tirava o sumo, colocava em um pano e amarrava em cima do corte, com poucos dias estava sarado. Nós não tínhamos acesso a médico, mas ao mesmo tempo tínhamos um médico em casa, que era o pai e a mãe da gente.

Hoje a gente corre para a farmácia para buscar um remédio que é muito caro e, às vezes, a gente nem tem o dinheiro na hora, e muitas vezes a gente até piora. Hoje, vivemos em uma época cheia de tecnologia, mas o atendimento de saúde nas aldeias precisa melhorar muito. O atendimento da FUNASA na aldeia deveria ser quinzenal, mas eles falham muito, muitas vezes passamos meses sem atendimento aqui. A FUNAI também é fraca. Espero que melhore a nossa situação e para isso acontecer é preciso que as comunidades se juntem mais, a união faz a força. Hoje para conseguir as coisas é preciso lutar, pois é muito difícil conseguir as coisas de braços cruzados.

Seu Wanderley

FARINHA DE PÚBA

Primeiro, pega a mandioca e coloca para pubar por três dias enterrada na lama na beira do rio. Quando ela esta toda molinha, a gente tira, lava na água limpa, tira a casca e ela fica alvinha. Depois pega a mandioca fresca rala junto com a mandioca que foi pubada, forma uma massa única. Coloca essa massa para espremer, para secar um pouco. O segredo está no torrar, pois ela é torrada com o fogo mais forte. A gente faz a farinha de puba mais redonda, fazendo movimentos circulares.

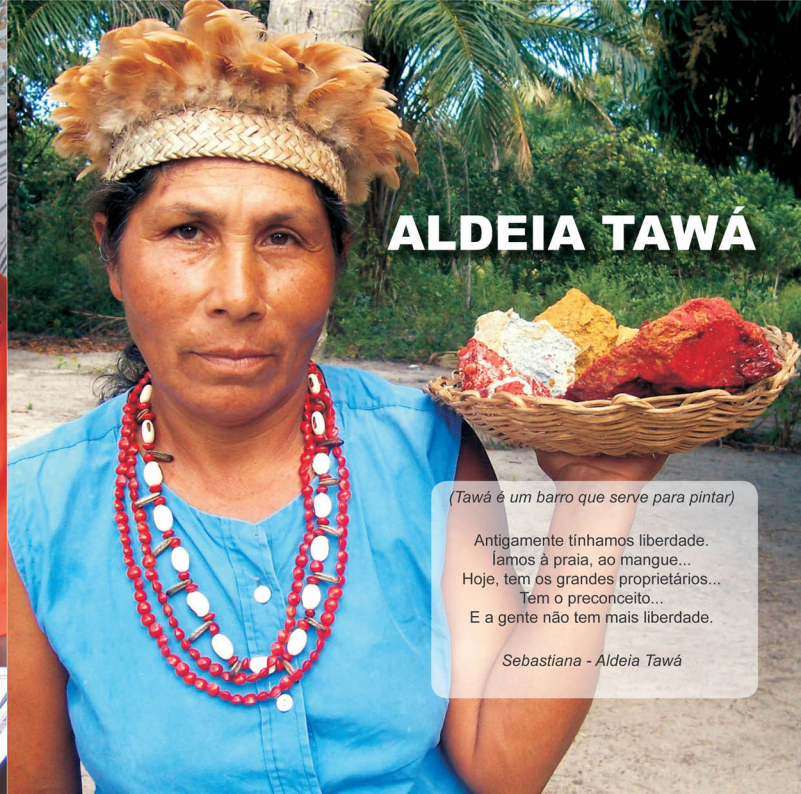
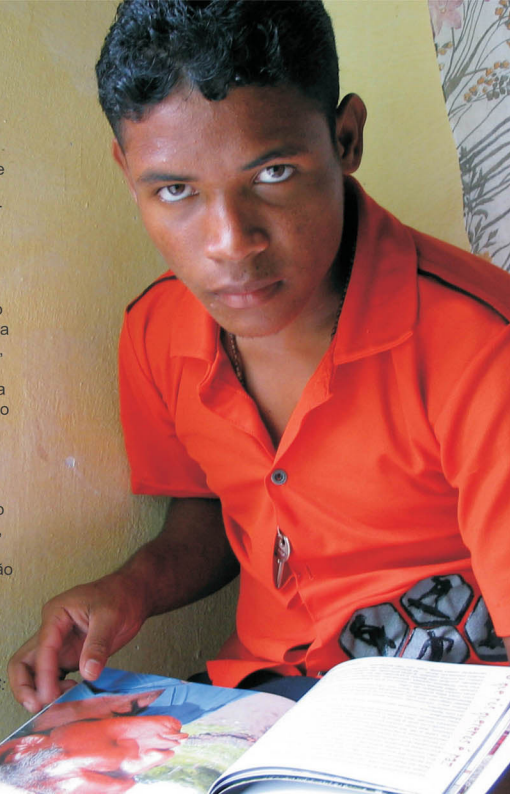


PEIXE NA PATIOBA

A gente tira a patioba. Muitos pensam que a patioba é um tipo de árvore, mas é o coqueiro mesmo quando está pequeno e suas folhas ainda estão fechadas. Quando as folhas se dividirem formando as palmas já não é mais uma patioba. Para fazer o peixe na patioba, a gente pega a patioba, passa no fogo para ela ficar murcha, pega um cipó, ela é curvada, amarra cada uma das pontas em uma pedaço de madeira, e finca no chão. Pega o peixe, coloca dentro da cumbuca feita na patioba e cozinha o peixe.

Nasci aqui na aldeia Tawá. Tenho 18 anos, fui escolhido pela comunidade para ser o professor de cultura indígena. Aqui eu sou muito feliz. Acho que a tradição e os costumes estão fracos. Por isso, como professor de cultura vou fazer o que eu puder para resgatar e fortalecer nossa cultura. Como professor tenho muita dificuldade porque não tenho um material adequado para trabalhar a especificidade da nossa cultura. Faço o que posso, mas, sinceramente, espero mais dos governantes, porque a nossa educação não é brincadeira como muitos pensam, temos direitos e deveres como qualquer cidadão brasileiro. Eu tenho total certeza que este trabalho que estamos realizando, o livro "Índio na Visão dos Índios", vai nos ajudar muito, porque muitas pessoas terão acesso ao nosso trabalho, e verão que nós índios somos capazes como qualquer outra pessoa.

Eduardo lendo:
ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS:
PATAXO-HÃHÃHÃE
Aldeia Tawá



ALDEIA TAWÁ

(Tawá é um barro que serve para pintar)

Antigamente tínhamos liberdade.

Íamos à praia, ao mangue...

Hoje, tem os grandes proprietários...

Tem o preconceito...

E a gente não tem mais liberdade.

Sebastiana - Aldeia Tawá

Eu me lembro que quando eu era pequeno isso aqui tudo era mata. Até 1950 toda a região era coberta de mata. Depois começaram as derrubadas e as queimadas para fazer as fazendas. No ano de 1951, aqui teve uma seca muito grande, pois os fazendeiros colocaram muito fogo na região, e o fogo durou seis meses e destruiu muito as matas. Tudo ficou seco devido ao desmatamento e as queimadas e a vida ficou muito difícil sem as matas.

Moisés



Tenho 78 anos. Nasci aqui em um sítio chamado Carapeba. Tinha apenas cinco anos quando Deus me separou dos meus pais. Eles morreram no mesmo ano. Como fiquei sem ter para onde ir, fui morar com uma tia, que também era muito pobre. Não tenho vergonha de dizer que passei muita fome e frio. Aqui, até o ano de 1955, só viviam índios nesta região da aldeia Tawá. Os brancos chegaram aqui há uns 40 anos e mudou totalmente a nossa forma de vida. Tivemos que negar a nossa identidade por causa da discriminação. Fomos forçados a trabalhar para os fazendeiros da região. Naquele tempo não tínhamos o apoio de ninguém. Até hoje a FUNAI é omissa nas suas obrigações. Irresponsavelmente o NAL de Itamaraju não faz nada por nós. Tenho esperança que um dia o Governo assuma o seu papel e que a FUNAI e a FUNASA sejam mais responsáveis. Esperamos que saia logo a demarcação do nosso território, pelo qual nós já esperamos demais. Informamos que hoje nós índios conhecemos nossos direitos. Eu tenho orgulho de dizer que sou Pataxó.

João de Vulgo Irmão

Meu avô passou por várias aflições. Uma vez ele indo para a Barra do Cai vender farinha, na época que teve a revolta de Barra Velha, em 51, os policiais pegaram ele, colocaram dentro da selva, bateram tanto nele que ele chegou até a desmaiar, que os órgãos genitais dele ficaram batendo no joelho, e devido a tudo isso ele acabou morrendo. Em toda região teve muita violência.

Muitos indígenas tiveram que se esconder, muitas meninas foram estupradas. Os índios eram muito enganados. Seu Feliciano me contou que uma vez disseram que ia chegar um navio com presentes para os índios, muitos índios foram e quando chegaram lá foram recebidos com tiros e ele teve que ficar três dias na mata e que, inclusive, tinha sido baleado. A vida na nossa comunidade é muito difícil, sofremos muita discriminação, preconceito e ameaças. Hoje a Comunidade da Aldeia Tawá alcançou uma grande vitória, pois hoje somos reconhecidos como indígenas, coisas que não acontecia antes. Eu tenho fé que nós vamos vencer todas as dificuldades, vamos lutar pelos nossos direitos e fazer valer. Eu quero que a nossa comunidade se desenvolva e que as nossas terras sejam demarcadas. Hoje vivem aqui 45 famílias em cinco tarefas de terra, vivemos uma situação lamentável, pois nós não temos área para plantar nem trabalhar. Nós só estamos aqui confiando em nossos direitos.

Cacique Aginaldo



Nós sempre moramos na região. Chegamos aqui em 1960. Morávamos em dez tarefas de terra. Eu e minha família fomos os primeiros a chegar aqui. No começo foi muito difícil para a gente comprar alguma coisa na cidade mais próxima, que se chamava "Escondido", era de quatro a cinco dias de viagem. A gente passava por dentro da mata fechada, levava os animais, seis jegues carregados de coco, limão, abacaxi. Quando a gente vendia comprava: sal, óleo e querosene.

Cisto Pereira Neves de Almeida

Cesário Neves Ferreira (70 anos)

Meu pai e minha mãe eram indígenas da etnia Pataxó. Lembro muito bem que, em 1948, toda essa região era coberta pela Mata Atlântica. Hoje esta tudo diferente, as matas sumiram do mapa. Hoje só se vê campo para a criação de boi. Os homens que vieram para aqui acabaram com as nossas florestas da região. Naquele tempo, por volta de 1950, essa região tinha uma diversidade de caça muito grande. Hoje os animais silvestres sumiram todos.

Foi com muita luta que consegui comprar o pedacinho de terra onde vivo. Tive que vender muito coco no Escondido (Itamaraju). Enchíamos os animais de coco e seguíamos viagem para Itamaraju. Estrada? Ainda não existia nesse tempo. Os caçuaís furavam devido a muitos tocos que existia pela estrada a fora. Tínhamos que parar a viagem para arremendar os caçuaís. A viagem demorava cinco dias. Tínhamos que encantar chuvas e sol. Roupas para agente usar era difícil naquele tempo. Mais nunca desanimei diante das dificuldades. Casei quando tinha 16 anos. Muitas vezes tínhamos que fazer fogo no meio da casa porque nós não tínhamos coberta para nos cobrirmos.



Mesmo com todas essas dificuldades a vida era melhor. Hoje a criminalidade está muito grande porque o homem não respeita o outro.

Esperamos que o Governo demarque já as nossas terras. Para que possamos viver em paz. É o que penso.



O QUE NOS CURA

É NOSSA MEDICINA TRADICIONAL

As pessoas aqui na minha aldeia me chamam de CURANDEIRA. É porque eu conheço da medicina tradicional porque meus pais eram índios e usavam as ervas e eu aprendi com o dia-a-dia deles. Hoje eu uso com meus netos. Faço a garrafada e a cocada. A cocada serve para vermes. A garrafada é usada para anemia. Meu esposo só andava doente, meu tio fez uma garrafada para ele e até hoje ele nunca mais sentiu nada, curou mesmo... A folha da jaca é boa para pressão alta.



Aroeira é boa para quem sofre dos rins, do estômago e para qualquer tipo de inflamação por dentro de nós, é boa também como purgante e para coceira e sarna. A rosa dália é boa para o coração. Água da colônia serve para derrame. Aruanda serve para dor de cabeça, dor no peito, febre, gripe. Pode ser tomado o banho dos cachos verdes ou o lambedor... O que nos cura é nossa medicina tradicional. Eu bebo remédio de farmácia, mas o efeito nunca é igual ao remédio natural. Hoje eu passo tudo o que eu sei para meus filhos e netos.

Dona Ilda Neves de Jesus

Quando comecei a lecionar aqui na aldeia Tawá sentávamos no chão. Não tínhamos e nem temos materiais, depois de alguns meses de aulas, conseguimos as cadeiras. A nossa sala de aula é emprestada... Até hoje não temos a nossa escola construída... A merenda é difícil. Já estamos no mês de julho e só agora que começou chegar um de pouco de merenda... Sem material didático...

Salários

muito atrasados. Inclusive no ano passado, a merendeira Dona Noemia Conceição dos Santos trabalhou e não recebeu. Ela ficou doente e por falta de receber o seu salário para se tratar, acabou morrendo.

Somos muito esquecidos por parte do governo federal, governo da Bahia e FUNAI. Já faz dois anos que a nossa escola funciona precariamente sem ter apoio de ninguém.

Maria Lúcia Desidério dos Santos - Professora



Meu nome é Raiane, tenho 14 anos, nasci aqui na aldeia Tawá. Eu gosto muito daqui. Espero muitas coisas para minha aldeia: uma escola; um posto de saúde; um lugar muito florido para eu e minhas colegas brincar. Às vezes eu fico muito triste porque eu preciso sair da aldeia para estudar em outro lugar, eu estudo na escola Santa Rita, é uma escola dos brancos, é boa tem muitas coisas que na minha casa não tem só que, às vezes, eu ouço coisas sobre meu povo e fico muito chateada, eles falam: "Para que esses índios querem terra?"; Dizem que somos preguiçosos e invasores, daí eu fico calada porque são maioria e precisamos da escola deles para estudar. Eu estudo a 8ª série, quando eu tiver mais idade e me formar eu quero trabalhar dentro da minha aldeia como professora. Eu vou ser muito carinhosa com meus alunos, vou pintar eles. Eu quero trabalhar com o pequeninhos.

Raiane

Meu nome indígena é Araçarir Pataxó. Araçarir é um pássaro que tem na floresta. Em português meu nome é Oziel Santana Ferreira. Sou filho da aldeia Barra Velha e estou morando atualmente aqui na aldeia Pé do Monte. Nós formamos um grupo e decidimos formar uma aldeia porque temos total certeza que aqui é terra tradicional indígena, terra dos nossos antepassados. O governo federal instalou aqui um parque nacional em cima de terras tradicionais indígenas, e por isso tivemos alguns problemas, mas o nosso objetivo é preservar a mãe natureza. Por milhares de anos a Natureza nos deu tudo o que a gente precisava... Mas hoje ficou difícil para a gente... Nos últimos 40 anos os “brancos” com suas serrarias e madeireiras vêm destruindo tudo. Nós indígenas não temos essas coisas, nem caminhão nem moto-serra. Até as próprias reservas criadas pelos “brancos”, eles mesmos destroem. Aqui caça e pesca são nossa forma de subsistência. Já os “brancos” levam milhões de isopores cheios de caça para vender nos estados do Espírito Santo e Minas Gerais. Os “brancos” querem nos ver destruídos, porque continuam fazendo seus destroços e jogando a culpa em cima de nós. Já nós indígenas preservamos porque a gente sabe que quando estamos cansados ou tivermos uma dor de cabeça só ao entrar na floresta tudo isso passa. Quando a gente fala da Natureza é como se falasse de nossos próprios filhos e pais. Dependemos da natureza para continuarmos vivendo. Um índio sem natureza é igual um pássaro sem ninho, precisamos com urgência nosso território demarcado para continuarmos existindo. Temos os nossos kitoquiré (filhos) que precisam continuar vivendo, precisam de uma boa saúde, boa educação e uma vida de qualidade, coisas que os órgãos não estão fazendo, a educação precisa melhorar, pois é de péssima qualidade, a saúde indígena nas mãos da FUNASA piorou muito, por isso precisamos continuar lutando, e cobrarmos os órgãos que façam seu papel. Com Tupã na frente e os parentes juntos conseguiremos nosso território.

O Cacique Araçarir da aldeia Pé do Monte (Porto Seguro) é convidado especial deste livro.





Quando nós chegamos aqui eu, que era aposentado, tomei quatro empréstimos para sustentar o pessoal, pois aqui não tinha nada, não tinha nenhuma casa, nem lona ninguém tinha, pois a FUNAI ficou dois anos sem dar assistência, nem um palito de fósforo, porque eles queriam que a gente saísse, e só “quetaram” quando eu mostrei um documento.

O IBAMA aqui hoje não faz nada, estão deixando desviar madeira de dia e de noite. Eles não têm cuidado do Parque Nacional do “Descobrimento”. O Parque hoje está largado, eles não cuidam de nada. Eles fazem isso para os outros pensarem que foram os índios que fizeram isso. Nós sabemos quem são as pessoas que estão explorando a Mata, caçando e tirando madeira: é o Grilo, é o povo dele do Córrego da Onça, é Dr. Sérgio. Aqui mesmo, próximo da Aldeia Alegria Nova, tem uma Serraria em uma fazenda e o IBAMA tem conhecimento e não faz nada.

Na época da Brasil-Holanda muitos índios morreram, teve até índio serrado com moto serra. Tiveram 23 pessoas assassinadas. Muitos índios eram ameaçados pela Brasil-Holanda. Eu mesmo fui ameaçado e tive que ficar 10 meses fora da aldeia. A gente aqui vive com medo.

Seu Gentil de Brito da Conceição

**Na foto, seu filho Dene*



Aldeia Alegria Nova

Nós fomos expulsos daqui pela Brasil-Holanda. Perdemos tudo que tínhamos, queimaram a minha casa, destruíram tudo que a gente tinha plantado.

Meu esposo ficou 10 meses corrido, pois eles queriam matá-lo. Um dos meus filhos sempre falava: “Mamãe, vamos voltar para nossa Terra, que lá é nossa”. Ai nós viemos, e vai fazer cinco anos que nós estamos aqui. Quando nós retomamos aqui nós sofremos muitas ameaças. O IBAMA mandou a polícia vir aqui. Vieram dois policiais armados, mas eu não tenho medo de arma, pois eu estou dentro do que é meu.

*Ibirema
Dona Romilda*



Educação? Segurança? Preconceito!

Meu nome é Arawana Pataxó, moro na Aldeia Alegria Nova que fica situada no município de Prado, Bahia. Vou falar um pouco sobre a minha história: Eu estudei dois anos com o professor Agnaldo aqui na aldeia e gostei muito; depois fui estudar em Cumuruxatiba, na escola Algeziro Moura, eu e mais três primos. Saímos de casa umas 10 horas da manhã e voltamos já de noite. Essa dificuldade toda é por causa do transporte.

Corremos risco de morte, mas para mim vale a pena, pois estou estudando para conhecer meus direitos e defender o meu povo dentro da lei. Eu tenho 14 anos e estudo a 5ª série, sei que estou atrasada, mas não vou desistir. Temos que lutar para defender os nossos direitos. Agradeço muito a minha vó Romilda por ser uma pessoa muito sábia, lutadora e guerreira, ela é a mais velha da aldeia, uma pessoa muito especial.

Temos que mostrar para os índios e os não-índios que somos capazes de tudo, que somos gente e não bicho, como alguns “brancos” nos vêem, temos nossa cultura, nossos saberes e nossas tradições. Antes do branco aqui chegar, aqui vivia um povo que se organizava e vivia feliz, não tinha ambição, roubos, nossa única preocupação era viver feliz com a nossa família..

Kaupetô cortú ug Arawana Pataxó Aweri Taputari.



Meu nome é Íngred, indígena é Anawara. Vou contar uma história real: Vivo na Aldeia Alegria Nova e isso é muito bom porque convivo com os animais, rios, pássaros e não há poluição. Eu sou uma pessoa muito feliz por morar aqui.

Eu e meus irmãos e meus dois primos estudamos em Cumuruxatiba, que fica a 60 quilômetros da aldeia. Nós temos muitas dificuldades. A estrada depende de cascalho, pois existem muitas ladeiras.

Nós chegamos em casa só de noite, quando passamos por dentro da mata já está escuro, nós estamos arriscando nossas vidas, pois aqui há um problema muito sério com os fazendeiros vizinhos da aldeia.

Já temos dois anos e meio desse jeito.



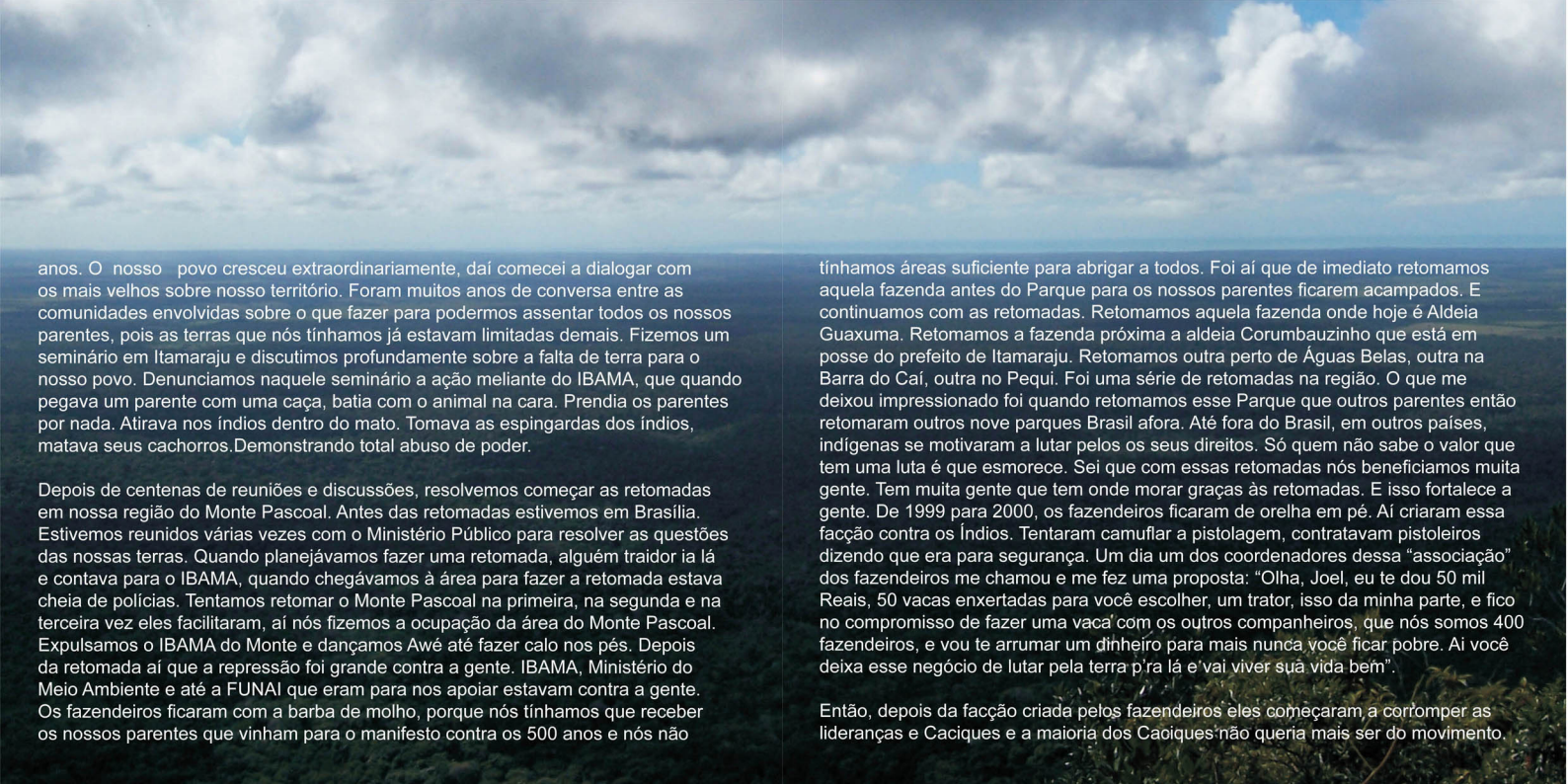
Nós ficamos sabendo o que ocorreu em 1951 contado pelos mais velhos. Da humilhação, torturas e mortes praticadas contra o nosso povo. E aquilo me machucou bastante. Tudo isso que aconteceu com o nosso povo foi um dos elementos que fortaleceu o meu espírito para eu entrar na luta. Pois é preciso que tenha alguém de coragem para lutar e revelar o ocorrido. Depois de tudo que aconteceu em 51 ninguém foi punido. Aí os índios se espalharam por todos os cantos. Muitos fugiram e saíram da Aldeia para nunca mais voltar. Os que fugiram, saíram traumatizados achando que ia acontecer novamente. Teve muitos índios que fugiram para Caravelas, Salvador, Minas Gerais, Rio de Janeiro. Depois de muito tempo alguns parentes voltaram e começaram a reavivar a Aldeia Barra Velha (município de Porto Seguro).

Passados nove anos, em 1960, foi criado o Parque Nacional do Monte Pascoal. Aí foi que a coisa piorou para os índios. Porque os parentes não podiam nem ir mais ao mangue pegar caranguejo ou qualquer outro tipo de marisco. Caçar nem pensar. Até piaçava era proibido. Tínhamos que tirar a piaçava de noite e ir vender de madrugada em Caraíva. E vivemos nessa situação por muitos anos. Os Índios viveram muitos anos sofrendo essa repressão do IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento

Florestal). Sem poder pegar frutas, sem poder caçar, sem poder pescar. Na verdade, não se podia fazer nada. Aí chegou o finado Tururim que viajava bastante para Brasília reivindicando os nossos direitos, com o apoio de seu Mario, da Aldeia Corumbauzinho, Vilsão de Deli e meu tio Alfredo, e de muitos indígenas que vendiam o que tinham para apoiar o movimento de cobrar do Governo o reconhecimento de nossa área. Essa luta era antiga, mas só veio transparecer, em 1977, com Maria do Rosário, que estava estagiando para ser antropóloga. Foi em 1978 que saiu a portaria para estudo de nossa terra e a gente indicou Maria do Rosário como antropóloga (UFBA) e membro da ANAI para fazer o trabalho. Em 1980, saiu a demarcação dos limites dessa tira de terra aqui. Que mede mais ou menos um quilômetro de largura com 30 quilômetros de comprimento, daqui até a praia de Barra Velha, que são os 8.622 hectares. Foi aí que começou a melhorar um pouco para o nosso povo. Porque a partir dessa demarcação começaram a surgir novas aldeias. Foi criada a aldeia Meio da Mata, onde eu hoje convivo. Foi criada a Boca da Mata, bem próxima daqui da aldeia Cassiana. Os parentes começaram a se espalhar e a criar outras aldeias. A Aldeia Corumbauzinho começou a crescer e a se desenvolver. Os parentes foram se espalhando por todos os cantos. A aldeia Imbiriba cresceu.

Mata Medonha, que tinha uma ou duas famílias, recebeu mais parentes. Um grupo foi para a beira da pista, que é a aldeia Guaxuma hoje. Ficou um outro grupo na beira da pista por 15 anos e depois criamos a aldeia Trevo do Parque, onde eu morei por dois





anos. O nosso povo cresceu extraordinariamente, daí comecei a dialogar com os mais velhos sobre nosso território. Foram muitos anos de conversa entre as comunidades envolvidas sobre o que fazer para podermos assentar todos os nossos parentes, pois as terras que nós tínhamos já estavam limitadas demais. Fizemos um seminário em Itamaraju e discutimos profundamente sobre a falta de terra para o nosso povo. Denunciamos naquele seminário a ação meliante do IBAMA, que quando pegava um parente com uma caça, batia com o animal na cara. Prendia os parentes por nada. Atirava nos índios dentro do mato. Tomava as espingardas dos índios, matava seus cachorros. Demonstrando total abuso de poder.

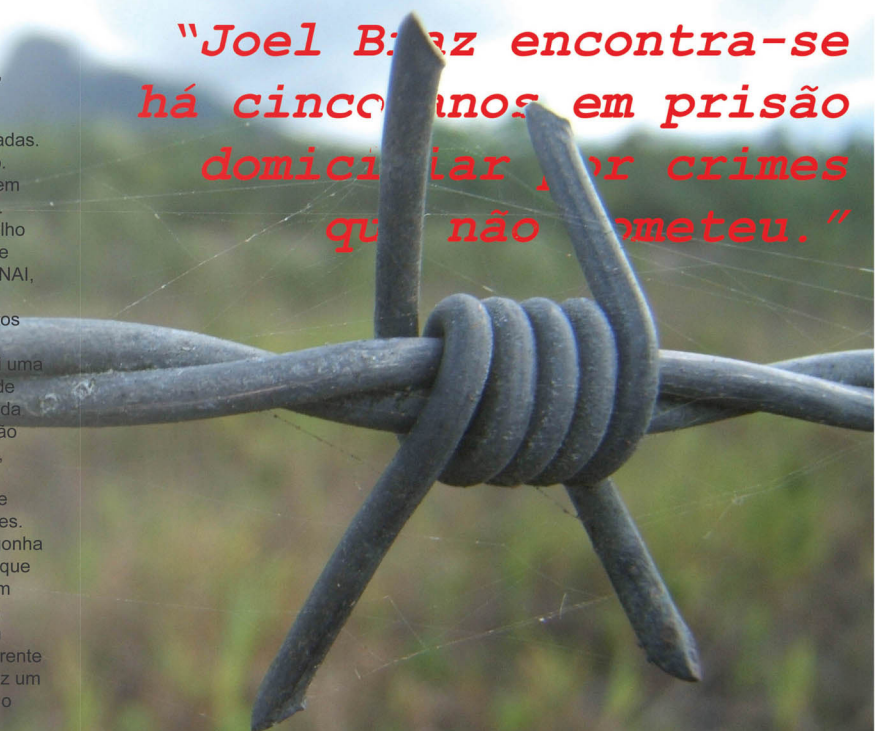
Depois de centenas de reuniões e discussões, resolvemos começar as retomadas em nossa região do Monte Pascoal. Antes das retomadas estivemos em Brasília. Estivemos reunidos várias vezes com o Ministério Público para resolver as questões das nossas terras. Quando planejávamos fazer uma retomada, alguém traidor ia lá e contava para o IBAMA, quando chegávamos à área para fazer a retomada estava cheia de polícias. Tentamos retomar o Monte Pascoal na primeira, na segunda e na terceira vez eles facilitaram, aí nós fizemos a ocupação da área do Monte Pascoal. Expulsamos o IBAMA do Monte e dançamos Awé até fazer calo nos pés. Depois da retomada aí que a repressão foi grande contra a gente. IBAMA, Ministério do Meio Ambiente e até a FUNAI que eram para nos apoiar estavam contra a gente. Os fazendeiros ficaram com a barba de molho, porque nós tínhamos que receber os nossos parentes que vinham para o manifesto contra os 500 anos e nós não

tínhamos áreas suficiente para abrigar a todos. Foi aí que de imediato retomamos aquela fazenda antes do Parque para os nossos parentes ficarem acampados. E continuamos com as retomadas. Retomamos aquela fazenda onde hoje é Aldeia Guaxuma. Retomamos a fazenda próxima a aldeia Corumbauzinho que está em posse do prefeito de Itamaraju. Retomamos outra perto de Águas Belas, outra na Barra do Caí, outra no Pequi. Foi uma série de retomadas na região. O que me deixou impressionado foi quando retomamos esse Parque que outros parentes então retomaram outros nove parques Brasil afora. Até fora do Brasil, em outros países, indígenas se motivaram a lutar pelos os seus direitos. Só quem não sabe o valor que tem uma luta é que esmorece. Sei que com essas retomadas nós beneficiamos muita gente. Tem muita gente que tem onde morar graças às retomadas. E isso fortalece a gente. De 1999 para 2000, os fazendeiros ficaram de orelha em pé. Aí criaram essa facção contra os Índios. Tentaram camuflar a pistolagem, contratavam pistoleiros dizendo que era para segurança. Um dia um dos coordenadores dessa “associação” dos fazendeiros me chamou e me fez uma proposta: “Olha, Joel, eu te dou 50 mil Reais, 50 vacas enxertadas para você escolher, um trator, isso da minha parte, e fico no compromisso de fazer uma vaca com os outros companheiros, que nós somos 400 fazendeiros, e vou te arrumar um dinheiro para mais nunca você ficar pobre. Aí você deixa esse negócio de lutar pela terra p’ra lá e vai viver sua vida bem”.

Então, depois da facção criada pelos fazendeiros eles começaram a corromper as lideranças e Caciques e a maioria dos Caciques não queria mais ser do movimento.

Muitos Caciques esfriaram. Muitos Caciques já não trabalham mais, só vivem gordões. Em 1995, foi criado o Conselho de Caciques. Durante cinco anos esse conselho trabalhou bem. Mas durante as comemorações dos 500 anos do Brasil, esse Conselho foi manipulado, propinado. O prefeito de Santa Cruz de Cabrália, juntamente com o Governo da Bahia (Paulo Souto), comprou os integrantes do Conselho de Caciques. A partir daí esse Conselho passou a ser contra as retomadas. E todo o meu trabalho junto com as comunidades já não agradava o tal conselho. Daí criamos, com as comunidades, a Frente de Resistência e Luta Pataxó, isso em 8 de Julho de 2002. Com sete aldeias juntas criamos a nossa carta de princípios. Quando tinha uns 20 dias que nós tínhamos retomado o Monte Pascoal o Conselho de Caciques começou a se reunir com um tal de Dr. Pedro, em Porto Seguro, que era do IBAMA, um tal João Viane Pinheiro Alves, que era o administrador da FUNAI, em Eunápolis, todos contra a Frente de Resistência. Quando foi na organização da “comemorações dos 500 anos do Brasil”, a Comissão Nacional dos Movimentos Indígenas escolheu eu e Nailton como coordenadores das retomadas. O nosso trabalho é um trabalho sério de luta e de respeito. O que passou nos 500 anos foi uma barbárie contra os povos indígenas e tudo isso tinha o dedo de meia dúzia de Caciques que se venderam. Muitos Caciques foram embriagados com o veneno da corrupção. O Conselho de Caciques é falso, pois não tem nenhuma representação nas bases. O conselho só existe para extorquir fazendeiros e a Veracel Celulose, jogando as comunidades no precipício. Eles queriam me colocar como monstro perante os olhos da sociedade. Mas isso não é verdade. Quem me conhece sabe que sou um homem que procuro viver com dignidade com meus irmãos e parentes. Eu sou uma pessoa humilde, só sou valente pelos meus direitos. Não tenho vergonha de dizer que estou passando por dificuldade. Estou sofrendo muito pelos crimes que eles imputaram irresponsavelmente sobre a minha pessoa. Crimes que não foram praticados por mim. Achando eles que dessa forma iam parar a luta Pataxó, mas se enganaram. A Frente cresceu maravilhosamente. Hoje estamos presentes em quase todas as aldeias do entorno do Monte. Quando as pessoas conhecem a Frente procuram logo um meio de se juntar a gente. Isso é muito bom. Lembro que eu fiz um compromisso na assembléia da Frente de jamais trair o meu povo e vou cumprir o meu juramento.

**"Joel Braz encontra-se
há cinco anos em prisão
domiciliar por crimes
que não cometeu."**



O Conselho de Caciques foi praticamente extinto entre 2002 a 2005. Não tinha credibilidade nenhuma junto à opinião pública e frente às comunidades. Em 2006, a Veracel fez uma proposta de dar dinheiro ao Conselho de Caciques. Todo mundo está dizendo que o Conselho de Cacique é o advogado e o laranja da Veracel. É por isso que cada vez as reuniões da Frente vêm crescendo. Na última que tivemos no pé do Monte, participaram mais de 500 pessoas que militam ou têm simpatia pela Frente. Mandamos um documento para que o Ministério Público interviesse a favor do relatório da antropóloga Maria do Rosário, que propõe um território único e contínuo de 220 mil hectares contra a proposta nova da FUNAI, via antropóloga Leila que nos quer reduzir a 55 mil hectares.

Aqui a Veracel mesmo sabendo que o território é nosso continua pegando terras e plantando eucalipto. Jogando produtos no plantio que intoxica nosso povo. A nossa luta é muito forte.

Tiraram a minha liberdade em uma jogatina política. Não conseguiram testemunhas de acusação contra mim. É a Justiça que está cometendo um crime contra a minha pessoa, mas Deus está comigo 24 horas por dia. Sei que os parentes também oram por mim e isso me fortalece e fortifica o meu espírito. Sei que a minha luta é justa e verdadeira

Quem espera em Deus jamais será decepcionado... Eu continuo educando as nossas crianças e jovens para serem honestas, para não vender sua dignidade e trair o seu povo; eu ensino a respeitar os semelhantes e nunca parar de lutar pelos nossos



Joel Braz é um dos Coordenadores da FRENTE DE RESISTÊNCIA E LUTA PATAXÓ. No dia 15 de julho de 2007, após esta entrevista, conduzida por Edmundo Santos, entregou documentos a representantes de duas ONGs francesas.



A nossa comunidade, localizada no município de Prado, foi criada em 17 de agosto de 2003 e ainda estamos no processo de demarcação de nossas terras. Nossa comunidade vive em um lugar que o Governo chama de "PARQUE NACIONAL DO DESCOBRIMENTO", mas para nós é o lugar onde nossos antepassados viviam e onde nós queremos continuar a viver.

Nossos índios velhos tinham aqui seu sustento, praticavam suas tradições, sempre vivendo em harmonia com a Natureza... Daqui muitos foram expulsos, espancados e mortos. Hoje nós temos que lutar para reconquistar o que é nosso.

Wekanã Pataxó



Aldeia Tibá

O nome Tibá vem do barulho que
a onda faz quando quebra na praia



Antigamente tinha muito preconceito com os índios daqui de Cumuruxatiba. Quando usávamos um colar as pessoas falavam piadas com a gente, criticavam a nossa cultura. Mas isso foi antes, porque depois que descobrimos nossos direitos, não aceitamos mais, perdemos o medo de dizer que somos índios. Agora fazemos questão de dizer que somos índios. Temos uma cultura que passa de geração em geração.

Quando eu morava na mata, nós já dançávamos o Awé. Eu nasci no pé do Monte Arará (Pascoal). Nós ainda *falava* a língua dos antigos. A minha vontade é de morar novamente na mata e viver e falar como antes. Tínhamos muita fartura, a gente comia muita caça e mandioca. Não comia arroz nem feijão. Comia muita fruta da mata como *Goitir* e *Mucugê*. Meu pai e minha mãe *falava* que a gente era índio, mas tinha pessoas que *falava* que a gente não era índio e que não existia mais índio. Eu falava: “Morro, mas eu sou índia”.

O cacique daqui era Zé Chico, ele foi embora daqui e queria que a gente fosse embora com ele, a gente não quis ir, então ficamos aqui na aldeia Tibá. Aqui nós ficamos plantando milho, feijão, mandioca e abóbora. Aqui tudo é muito difícil, pois não temos atendimento da FUNAI nem da FUNASA que ficam meses sem vir. O IBAMA fala que estamos acabando com o meio ambiente e nem à praia podemos ir. Aqui temos que capinar de enxada, sem ajuda de ninguém e ainda sem a segurança por ainda não termos nosso território demarcado. Eu sinto muito orgulho de ser índia e lutar pelos nossos direitos.

Zabelê, 74 anos



Tenho 60 anos e moro na aldeia Tibá. Fugi de Barra Velha na guerra de 51. Saí de Barra Velha com oito anos, saí fugido com meus avós e minha mãe pelo rio de Corumbau até Cumuruxatiba. Aqui em Cumuruxatiba fui crescendo e logo meu avô morreu. Depois minha mãe também morreu. Eu tinha um padrinho que me pegou para me criar, daí eu fui morar com um homem branco. Fiquei com ele até meus 20 anos. Fui trabalhar em Itabuna e depois fui para Salvador.

Depois de nove anos retornei à aldeia e fui procurar meus parentes e estou aqui até hoje. Não tenho interesse de sair daqui. Para mim, *sair* da aldeia só se tiver outra guerra. A terra é de muita importância para nós. Nós não estamos aqui para destruir e sim, conservar a mãe natureza.

Quem destruía antes aqui era o “homem branco”, no tempo daquela empresa Brasil-Holanda. Eles *destruía* as matas porque queria que os índios *fosse* embora para a terra ficar livre para eles. Eu estou esperando nossa demarcação até hoje, com a fé em Tupã nossa demarcação vai sair.

João Conceição

Se o índio for caçar ele acaba sendo caçado

O índio hoje já não pode ser como era antes. O índio vivia na mata caçava e pescava. Hoje os homens do IBAMA não estão dando liberdade para nós índios. Se o índio for caçar ele acaba sendo caçado. Se o índio for pescar acaba sendo preso. Aqui na aldeia Pequi se a gente for passar na propriedade do fazendeiro ele fecha a estrada. Aqui tem um fazendeiro que mexe com mamão, ele coloca veneno nas plantações, daí a caça vem comer o mamão cheio de veneno e depois a gente come a caça e fica doente. Antes não existiam essas coisas. O índio podia andar por toda a terra. Ia à praia catar caranguejo... O índio vivia a vontade. Hoje os índios sofrem muitas ameaças dos fazendeiros. Se os fazendeiros pudessem, matavam todos nos índios.

O índio não tem liberdade nas coisas que são deles mesmo.

Anã

Aldeia Pequi





Eu não trabalho pelo kanhambá (dinheiro), trabalho com werymerry (amor). Eu estou passando para os kitoke e kitokirré (meninos e meninas) o que eu aprendi com os mais kakorrecor (velhos), com meu ipapamakã (pai), minha imamakã (mãe), meus kerretorré (avós), minha kamonetá (tia) e com os pesquisadores. Com as crianças, a gente fala de nossa cultura, conta da nossa vida passada e conversamos também sobre nossa realidade presente e sobre o que nós queremos para o ronrê (amanhã).

Tehanã - professor de Cultura



Todo mundo sabe que o povo cresce, mas a terra não. Eu vivia na minha aldeia mãe: Barra Velha; lá nasci, cresci, casei e criei família. Após o massacre de 1951 saíram muitas pessoas da minha família para outras regiões, inclusive para cá, município de Prado, aí fez com que a gente viesse atrás desse povo... Naquela época os brancos falavam que o Brasil foi descoberto, mas aqui moravam os nativos.

Vivemos aqui há quatro anos. A nossa vivência com meu povo é plantando, colhendo, negociando... Muitas vezes as pessoas pensam que nós indígenas só negociamos com kanhambá (dinheiro), mas nós trocamos um alimento por outro. Nós não pensamos só no kanhambá, pensamos naquele que não tem o kanhambá e a troca nos faz mais unidos. Eu estou aqui para ajudar o meu povo na luta pelos nossos direitos. A saúde e a educação existem na nossa comunidade, mas a situação é muito precária.

O principal é a nossa luta pela MÃE TERRA, para isso sempre plantamos a união de nosso povo. Hoje somos 24 famílias cadastradas nesta comunidade.

Quando chegamos éramos só 15 famílias. Como eu disse no início, o povo cresce, mas a terra não. Espero sempre ver o meu povo crescer e lutar pela busca de nossos direitos. E lutar para que a nossa terra também possa crescer.

Cacique Baiara.





O mundo em um toque.

Quando ouvi falar pela primeira vez a palavra internet, imaginei que seria mais uma palavra estrangeira, algo complicadíssimo. Navegar na internet? Não fazia nem idéia do que seria isso.

Então, felizmente, eu e meu irmão conhecemos ÍNDIOS ON-LINE. Parei um pouco para refletir e pude descobrir um novo instrumento de trabalho, algo que não ia ajudar apenas uma aldeia, um grupo, mas todo povo Pataxó, ou melhor, todos os povos indígenas. Foi algo que nos abriu os olhos, ouvidos, todos os nossos sentidos e facilitou nossos passos...

ÍNDIOS ON-LINE nos ajuda no fortalecimento cultural e político; encurta os caminhos; estreita nossos laços com outras pessoas e nos permite conhecer outras realidades culturais. Com um leque de opções que se mostra em uma tela na nossa frente formamos novas idéias. Com a primeira matéria publicada pelos Pataxó do Prado, as pessoas distantes entraram em contato conosco, foi muito positivo. Rapidamente percebemos a utilidade da internet e do nosso portal: www.indiosonline.org.br. Com ele, passamos a diminuir o preconceito que algumas pessoas e órgãos têm contra a gente.

gilbertopataxo@indiosonline.org.br

Realizamos nosso livro entre os dias 10 de Junho e 26 de Julho de 2007...



...aprendemos a usar mp3, câmaras digitais e computadores...



...para encarar escrever e fotografar...



...as matérias de nosso próprio livro.



Catiane e Ireny.

VOCÊ SABE QUEM INVENTOU A REDE?

www.indiosonline.org.br

VOCÊ CONHECE UMA REDE QUE ENSINA A PESCAR?

www.indiosonline.org.br/blogs

Juntos:

UMA NOVA PÁGINA NA HISTÓRIA.

Participe!



O projeto "ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS", assim como o projeto "ÍNDIOS ON-LINE", permite aos próprios indígenas expressar seus sentimentos e opiniões.

Os próprios indígenas vêm trabalhando como jornalistas, historiadores, antropólogos e fotógrafos de suas próprias realidades.

Nestes projetos os indígenas são protagonistas da construção de uma nova consciência para todos. Atualmente, com o projeto "ARCO DIGITAL", com liberdade, os indígenas dialogam e refletem sobre o mundo. Usam as tecnologias como os novos arco-e-flecha, projetando com autonomia seus futuros.

A ONG THYDEWAS é composta por indígenas de várias nações e por não-indígenas que juntos trabalham por um mundo mais humano, sabendo que a riqueza deste reside na sua diversidade em diálogo.

Agradecemos também a:



Hospedagem



Contabilidade



Administração



Suporte Informática



ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

Pataxó do Prado

Este livro fala ao coração de toda a sociedade. Vem para desmistificar as falas de algumas pessoas que dizem que nós indígenas somos preguiçosos e desorganizados.

Irenay



www.indiosonline.org.br

A receita da venda deste livro será revertida em benefício das comunidades indígenas.



Realização



Apoio



Patrocínio

Ministério da Cultura

Ministério da Educação

